

A revista *brasília* na construção da Nova Capital: Brasília (1957-1962)

Maria Beatriz Camargo Cappello

Arquiteta e urbanista, professora adjunta da Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Av. João Naves de Ávila 2121 Bloco I sala 43, Santa Monica, CEP 38400-902, Uberlândia, MG, Brasil, (34) 3239-4373, mbcappello@uol.com.br

Resumo

Esse texto apresenta a revista *brasília*, publicação mensal da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap), como fonte de pesquisa da história da construção, inauguração e consolidação de Brasília. Trataremos dos números 1 a 64 de *brasília*, editados entre janeiro de 1957 a abril de 1962, com seus relatos dos anos da construção da capital – voltados para a arquitetura e urbanismo de Oscar Niemeyer e Lucio Costa –, sua inauguração e os dois primeiros anos após a inauguração até o golpe militar de 1964. Destacaremos alguns textos sobre arquitetura e urbanismo que tiveram importância no debate em torno da construção de Brasília.

Palavras-chave: Brasília, periódicos, arquitetura moderna.

A revista *brasília* de 1957 a 1988

A primeira edição da revista *brasília*, de janeiro de 1957, começa a circular em todo o país em 18 de fevereiro como publicação mensal da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap). Segundo os editores, esta publicação aparece em consequência do art. 19, da Lei nº 2.874, de 1956, que estatuiu para a Novacap a obrigatoriedade de divulgar, por meio de um boletim mensal, os atos administrativos da Diretoria e os contratos por ela celebrados. Obrigatoriedade então assumida na forma da publicação de uma revista que tinha como objetivo, não apenas documentar, mas também defender a construção, a arquitetura e o urbanismo da nova Capital do Brasil.

Por seu objetivo e periodicidade – 83 números entre 1957 e 1988 – sua coleção constitui uma importante fonte de pesquisa da história da construção, inauguração e consolidação de Brasília. A publicação inicia-se com uma periodicidade mensal que chega até o nº44, de agosto de 1960, após a inauguração

de Brasília. Os números 45 a 48, referentes aos meses de setembro a dezembro de 1960, foram fundidos em uma edição única. Entre 1961 e 1962 essa periodicidade é interrompida, tendo sido publicadas, neste período, três edições, uma delas contendo os números 50 a 52, outra os números 53 a 64 e uma terceira contendo os números 65 a 81. Com o golpe militar de 1964 a publicação é interrompida e retomada entre 1965 e 1967, com um número especial por ano, respectivamente os números 65, 67 e 68. Após uma nova interrupção, são publicadas, em 1988, suas duas últimas edições, os números 82 e 83¹.

A revista conta com depoimentos de Juscelino Kubitschek, Oscar Niemeyer, Lucio Costa, Israel Pinheiro entre outros importantes políticos, arquitetos, urbanistas e intelectuais do país. Os artigos, que defendem a ideia da mudança da capital, passam a relatar, com ampla cobertura fotográfica, inclusive com fotos aéreas, o cotidiano do canteiro de obras de Brasília, a história de sua construção, inauguração e consolidação, expondo os detalhes de

¹ Informações obtidas com o Arquiteto e Urbanista Danilo Matoso Macedo, editor do periódico mdc – Mínimo Denominador Comum – Revista de Arquitetura e Urbanismo, coordenador do Núcleo Do-comomo Brasília e analista legislativo na Câmara de Deputados de Brasília.



Figura 1: Capas dos números, *brasília* (1) janeiro 1957, (2) fevereiro 1957 e (3) março de 1957.

sua arquitetura e urbanismo, acompanhando passo a passo o nascimento da cidade: a venda dos primeiros lotes, as primeiras construções, as primeiras casas populares, os primeiros blocos de apartamentos, as primeiras lojas, o estabelecimento das primeiras escolas e os primeiros eventos sociais.

A revista *brasília*: arquitetura e urbanismo da Nova Capital nos números de 1 a 64 (1957-1962)

Trataremos aqui dos números 1 a 64 de *brasília*, editados entre janeiro de 1957 a abril de 1962², com seus relatos dos anos da construção da capital – voltados para a arquitetura e urbanismo de Oscar Niemeyer e Lucio Costa –, sua inauguração e os dois primeiros anos após a inauguração até o golpe militar de 1964. Procuraremos dar uma visão geral da revista neste período, com destaque para alguns textos sobre arquitetura e urbanismo que tiveram importância no debate em torno da construção de Brasília e que também foram difundidos nas revistas especializadas nacionais e estrangeiras. Para além destes textos sobre arquitetura e urbanismo, que acompanham os projetos do plano piloto ou os memoriais descritivos, faremos referência também àqueles textos que defendem a construção da nova capital segundo seu ponto de vista econômico e político.

Os quatro primeiros números da revista *brasília*, de janeiro a abril de 1957, foram dirigidos por

Paulo Rehfeld³. A partir do número 5, de maio de 1957, a revista passa a ser dirigida por Nonato Silva⁴. Foram colaboradores do layout da revista os arquitetos Artur Lício Pontual, Hermano Gomes Montenegro e Armando Ivo de Carvalho Abreu. Foram colaboradores auxiliares Dora Martins de Carvalho, José Maria da Costa Santos, Nélcio Francisco Tavares Pinheiro, Horacio Alves Mendes, Elsa Maria Pereira Reis, Poesia Campos Seixas, Heitor Annes Dias Vignoli, Stelita de Cerqueira Lima, Tibúrcio Bispo Pereira, Marlene Ferreira Bruno da Silva, Aracy de Freitas Coutinho, Leony Mesquita, Américo Fernandes e Petrônio Geraldo Canabrava e o fotógrafo Mario Moreira Fontenelle.

O primeiro número da revista *brasília*, de janeiro de 1957, traz como ilustração de capa o mapa do Brasil com a demarcação do “quadrilátero Cruls”⁵ e uma estrela apontando o ponto onde se construirá Brasília. (Figura 1)

O editorial remete ao artigo de lei acima referido, que estatuiu a obrigatoriedade da Novacap divulgar mensalmente seus atos administrativos, e explicita que, ao providenciar o cumprimento daquele dispositivo, pareceu de conveniência aditar ao Boletim exigido pela lei algumas páginas iniciais, com a forma usual e comum de revista, que estampasse um noticiário fotográfico sobre a marcha da construção da nova Capital e as informações de interesse relativas ao mesmo empreendimento – de modo a manter o público sempre informado do que se está realizando

² Do número 1 a 25 a tiragem foi de 10.000 exemplares. Do número 26 a 49 a tiragem foi de 20.000 exemplares. O número 40 comemorativo da mudança, teve uma tiragem de 30.000 exemplares com 116 páginas e na edição de número 53 a 64 de 1962 teve uma tiragem de 40.000. Em 1960 ano da inauguração de Brasília a revista tinha 10.000 assinantes, no Brasil e no exterior.

³ Paulo Rehfeld era chefe da Divisão de Divulgação da Novacap nesse período.

⁴ Raimundo Nonato Silva, jornalista, foi contratado pela Novacap para editar o boletim da Companhia com as nomeações e atos oficiais assumi a direção da Divisão de Divulgação e da revista em 16 de abril de 1957.

⁵ Área de 14400 quilômetros quadrados prevista para o Distrito Federal, demarcada pela comissão Cruls (1892-1896).

e do que se pretende fazer. Assim, neste primeiro número, na sequência do texto editorial em defesa da mudança da capital são apresentadas as sessões *A marcha da construção de Brasília e Arquitetura e Urbanismo na Nova Capital*, com relatos sobre as obras em andamento, os planos urbanísticos e arquitetônicos em estudo e a opinião da população brasileira sobre a Nova Capital. Quanto ao *Boletim* propriamente dito foi apresentado na parte final da revista.

Na primeira página, além das informações editoriais sobre a revista, são publicadas algumas notas e uma mensagem do presidente da república ao povo brasileiro intitulada “A Mudança da Capital”. Não há, no entanto, quaisquer referências ao diretor e/ou redator da revista, tampouco à autoria da capa.

O primeiro texto, “A mudança da Capital na primeira Constituinte Republicana”, de Alexandre Barbosa Lima Sobrinho, sociólogo e historiador brasileiro, discorre sobre a evolução histórica da idéia de mudança da Capital da República – desde a Conjuntura Mineira, de 1789, até aquela data.

Na sessão *A marcha da construção de Brasília* são publicadas fotos dos primeiros momentos da construção: terraplenagem, abertura de estradas, a chegada de materiais e o palácio provisório de madeira do Presidente da República, o “Catetinho”, construído em dez dias. Na sessão *Arquitetura e Urbanismo da Nova Capital* é apresentada a foto de uma maquete com o Palácio Presidencial, a Capela e o Hotel, acompanhadas com um texto descritivo que destaca o fato de o Palácio já se encontrar em construção e de que terá obras de artistas nacionais como Portinari, Di Cavalcanti, Firmino Saldanha, Emeric Mercier, Milton Ceschiatti, José Pedrosa e Franz Weissmann. Pela maquete podemos perceber que a implantação da proposta inicialmente para o Palácio, Capela e Hotel foi alterada. (Figura 2)

A revista permanecerá com este mesmo formato até o número 4, de abril de 1957, com as sessões *A Marcha da construção de Brasília e Arquitetura e Urbanismo da Nova Capital*, apresentando ampla documentação fotográfica e desenhos representativos da construção de Brasília neste período. Entre estes desenhos cabe ressaltar o da capa do número 2 da revista, de

Figura 2: *brasília* número 1 janeiro de 1957, pp. 8-9. Foto da maquete com o Palácio da Alvorada ao centro, a Capela a direita e o Hotel a esquerda.





Figura 3: Capa da *Brasília* número 5 maio de 1957.

fevereiro de 1957 – uma representação estilizada de Niemeyer da área de Brasília, com o grande lago que iria se formar pelo represamento do rio Paranoá. Desenho que se repetirá na capa do número 3, de março de 1957, a qual se adicionou, em posição central, o “projeto Lucio Costa”. (Figura 1)

Na sessão *Arquitetura e Urbanismo da Nova Capital*, deste mesmo número 3, é publicado o texto “Concurso para o Plano Piloto” – um relato da comissão julgadora do Concurso sobre os concorrentes, o trabalho de exame, seleção e classificação dos projetos e a dificuldade em estabelecer uma classificação final. O texto apresenta a defesa do júri para cada premiação e para a escolha do plano de Lucio Costa como o vencedor. Neste número é publicado ainda o memorial descritivo do projeto de Lucio Costa e um texto de William Holford⁶ sobre o concurso, sobre a região de Brasília e sobre o projeto de Lucio Costa, cuja escolha é defendida. As atas dos trabalhos da comissão julgadora são publicadas no *Boletim*, no final da revista.

Em consonância com o programa da revista, de publicar resumos circunstanciados dos trabalhos

premiados no Concurso para o Plano Piloto de Brasília, são apresentados, no número 4, de abril de 1957, o projeto classificado em 2º lugar, de Baruch Milman, João Henrique Rocha e Ney Fontes Gonçalves e um dos projetos classificados em 3º lugar, o “Projeto Rino Levi”. O “Plano dos M.M.M. Roberto”, também classificado em 3º lugar, foi publicado no número 6 da revista, de junho de 1957. A publicação traz, assim, uma análise dos pontos favoráveis e desfavoráveis de cada proposta e de como os arquitetos encararam e solucionaram as questões de urbanismo para Brasília.

Como já foi dito, Nonato Silva assume a direção da revista a partir do número 5, de maio de 1957⁷, publicando, em nova diagramação e projeto gráfico, seu 1º número especial, com o relato da primeira missa em Brasília. A partir deste número até a edição que contém os números 53 a 64, ou seja, entre maio de 1961 a abril de 1962, os projetos gráficos da revista, capa e layout, estarão a cargo, primeiramente, do arquiteto Artur Lício Pontual⁸ e, posteriormente, dos arquitetos Armando Abreu e Hermano Montenegro. (Figura 3)

6 HOLFORD. W. Brasília, a New Capital City for Brazil. Lucio Costa e Oscar Niemeyer. *Architectural Review* 122(731):394-402 dez. 1957.

7 Sabemos que Nonato Silva dirige a revista desde o número 5, de maio de 1957, mas é somente a partir do número 14, de fevereiro de 1958, que a revista começa a divulgar seu nome como diretor e o nome dos arquitetos Armando Abreu e Hermano Montenegro como responsáveis pelo layout e capa.

8 O arquiteto Artur Lício Pontual foi do conselho diretor da Módulo e também trabalhou com o layout desta revista e foi correspondente brasileiro da *L'Architecture d'Aujourd'hui* na década de 1950.

⁹Segue uma relação dos projetos de Lucio Costa e Niemeyer publicados na sessão Arquitetura e urbanismo dos números aqui tratados da revista *Brasília*: no nº1, a maquete do Palácio da Alvorada com o Brasília Palace Hotel e a Capela; no nº 2, a revista retoma o desenho da Capela, ressaltando que Portinari voltará a trabalhar com Niemeyer; no nº 3, o plano piloto de Lucio Costa; no nº 7, a maquete do Congresso Nacional; no nº 8, desenhos da capela do Palácio da Alvorada e a maquete da Capela de Nossa Senhora de Fátima; no nº 9, a maquete de uma super-quadra; no nº 10, a maquete da Praça dos Três Poderes; no nº 11, maquete do setor comercial e bancário no desenvolvimento do plano urbanístico de Lucio Costa; no nº 12, o croquis do Congresso Nacional, do Palácio do Planalto e do Palácio da ...continua próxima página

Figura 4: *brasília* número 10 outubro de 1957, pp. 18-9. Foto da maquete da Praça dos Três Poderes.

A partir do número 8, de agosto de 1957, a revista estabelece o padrão de uma edição com 24 páginas, com as novas sessões: *a marcha da construção de Brasília, arquitetura e urbanismo, Brasília no exterior, Brasília na literatura, noticiário, em defesa de Brasília e o diário de Brasília*. Estas novas sessões, assim como o *Boletim*, que permanece, continuam fiéis à linha editorial inicial da revista, ou seja, defender a mudança da Capital e divulgar o trabalho que está sendo realizado pela Novacap.

A sessão *a marcha da construção de Brasília* apresenta um rico acervo de fotos com detalhes do dia-a-dia das construções; a sessão *arquitetura e urbanismo* apresenta, na sua maior parte, a arquitetura de Oscar Niemeyer e o urbanismo de Lucio Costa para Brasília, com maquetes e croquis dos projetos acompanhados de textos descritivos dos autores ou do editorial em defesa do projeto⁹. Em alguns números, esta sessão apresenta uma comparação da maquete do projeto com a obra em construção. Esta sessão, *arquitetura e urbanismo*, mantém sua regularidade até o número 19, de julho de 1958; passa a tornar-se irregular e é retirada da revista a

partir do número 35, de novembro de 1959. Muitos dos documentos que são apresentados nesta sessão são cedidos pela revista *Módulo*¹⁰, um dos meios de difusão da arquitetura e urbanismo de Brasília que tem Niemeyer como fundador e diretor.

Na sessão *arquitetura e urbanismo*, do número 10, de outubro de 1957, é publicada a maquete da Praça dos Três Poderes, cujo projeto é comentado e defendido no texto do editorial. Em consonância com o editorial, a sessão *Brasília no Exterior*, deste mesmo número traz artigo do escritor espanhol Salvador Madariaga, no Jornal londrino *Time and Tide*, que defende a iniciativa brasileira em construir uma nova capital no interior do país como um exemplo a ser seguido por outros países, para evitar o crescimento demasiado de suas capitais. Segundo a revista, o escritor é especialista em estudos sobre as causas e efeitos políticos e sociais da criação de grandes centros urbanos na América Latina. (Figura 4)

O tema da integração das artes visuais à arquitetura é introduzido no número 14 da revista. A capa apresenta a escultura de Alfredo Ceschiatti, que será

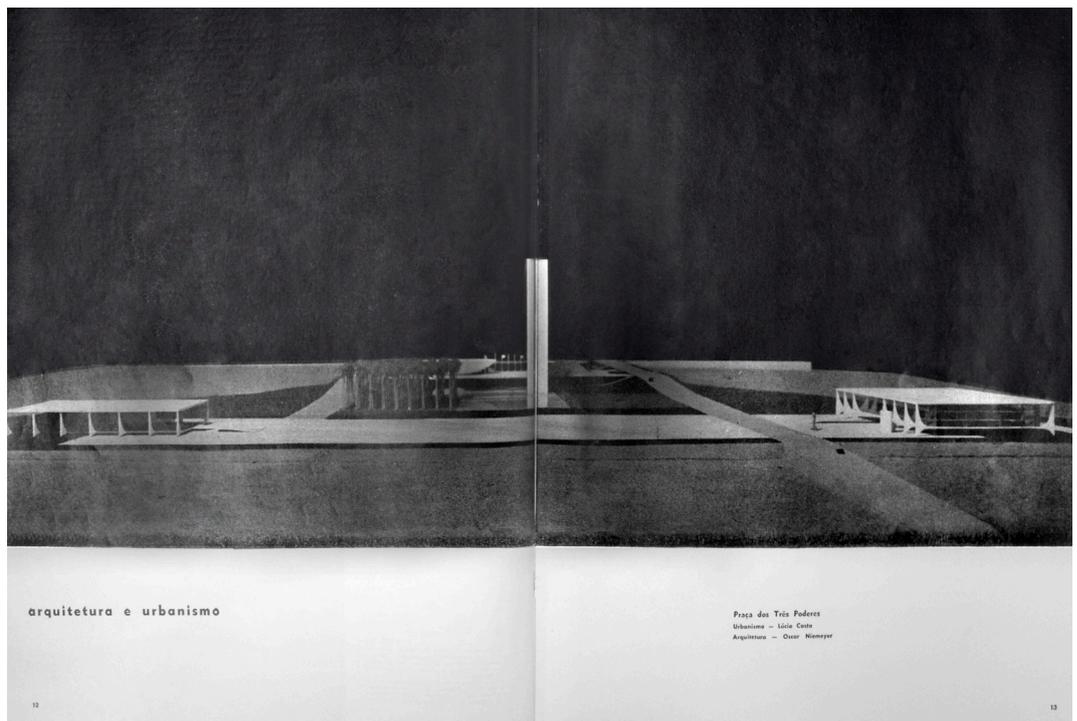




Figura 5: Capa da *Brasília* número 18 junho de 1958.

...continuação da nota 9

Justiça; no nº 13, a maquete da Praça dos Três Poderes, do Palácio da Alvorada e de uma super-quadra; no nº 15, desenhos do setor comercial do plano piloto de Lucio Costa; no nº 16, a maquete do Palácio do Planalto e do Supremo Tribunal; no nº 17, croquis dos trevos e entradas das super-quadradas e maquetes do bloco residencial do IAPI, de Helio Uchoa; no nº 19, foto do Palácio da Alvorada já concluído e da maquete mostrando algumas modificações que foram realizadas pelo arquiteto Oscar Niemeyer; no nº 21, a maquete da Catedral de Brasília; no nº 22, croquis dos Ministérios, no plano do Lucio Costa, e planta e fachada de um dos edifícios; no nº 23, fotos do Palácio da Alvorada pronto; no nº 25, a maquete da Praça dos três poderes; no nº 29, o Palácio do Supremo Tribunal em maquete e em construção; no nº 30, a maquete da Plataforma Central com a Rodoviária e uma foto da construção e maquete do Ministério das ...continua próximas páginas

colocada no espelho d'água em frente ao Palácio da Alvorada. Na sessão *arquitetura e urbanismo* é publicado o texto "As artes em Brasília", no qual se destacam os vários trabalhos em escultura, pintura, tapeçaria e vitrais que estão sendo realizados em Brasília por Portinari, Di Cavalcanti, Volpi, Bruno Giorgi, Mary Vieira, Ceschiatti, Athos Bulcão, Maria Martins e outros, em uma tentativa de apresentar a arte brasileira. A revista também destaca a posição de Lucio e Niemeyer em favor da integração das artes, tema de debates de revistas e encontros internacionais, dos quais Lucio Costa era ativo participante¹¹.

A partir do número 15, de março de 1958, surge uma nova sessão, *Diário de Brasília*, e, a partir do número 17, de maio de 1958, as fotos apresentadas na revista passam a vir acompanhadas pelo nome de seu fotógrafo oficial, Mario Fontenelle. O número 18, de junho de 1958, é dedicado às inaugurações que ocorrem em Brasília em junho de 1958, como a do Palácio do Alvorada, do Brasília Palace Hotel, da Capela Nossa Senhora de Fátima, da Estrada Anápolis-Brasília e da Avenida das Nações. A capa da revista traz o Palácio da Alvorada, residência dos chefes de estado brasileiros, considerada a

"obra prima da moderna arquitetura brasileira" e o marco inicial da transferência da Capital para o Brasil Central. (Figura 5)

A capa e a contra-capas do número 20 trazem uma foto do Brasília Palace Hotel, projeto de Niemeyer para o primeiro hotel de Brasília e um dos primeiros edifícios já inaugurados. Essa foto¹², de Marcel Gauthierout, é um exemplo de documento do patrimônio arquitetônico da época da inauguração de Brasília que a revista apresenta, pois o hotel sofreu um incêndio em 1978, tendo sido restaurado em 2006, quando foram realizadas algumas alterações que modificaram o projeto original. (Figura 6)

No número 22, de outubro de 1958, e 23, de novembro de 1958, são publicadas notícias sobre a Reunião Internacional de Arquitetos e Urbanistas promovida pela UNESCO e pelo Itamaraty, sobre a Criação de Novas Cidades. Esta reunião, realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, teve seu encerramento oficial no dia 11, em Brasília, ocasião em que os arquitetos, urbanistas, sociólogos e economistas nacionais e estrangeiros que participavam do encontro expressaram suas impressões sobre a nova capital. A número 23 publica

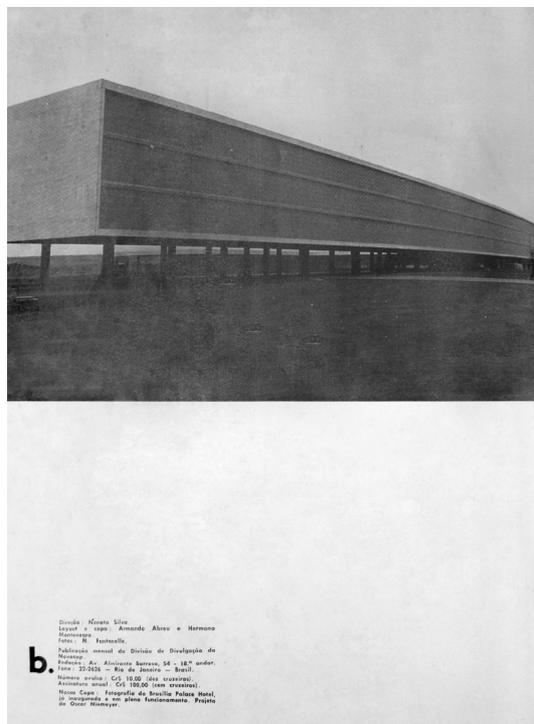
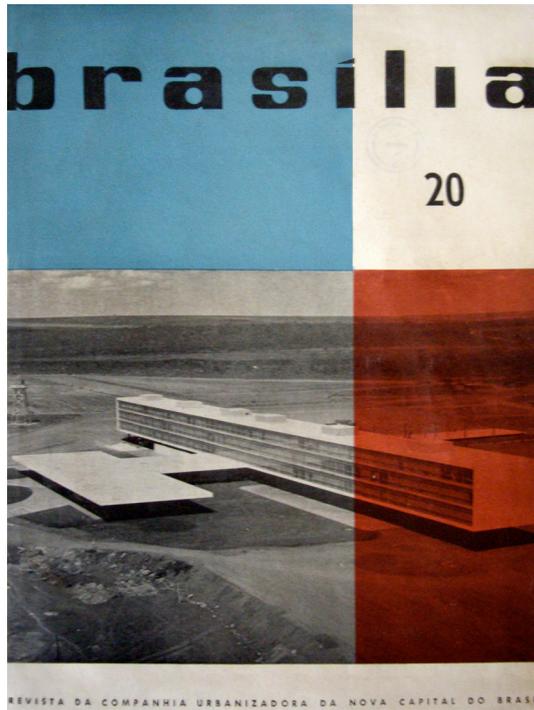


Figura 6: Capa e contracapa de *brasília* número 20, agosto de 1958. Fotos do Brasília Palace Hotel de Marcel Gautherot.

brasília

20

Brasília e a Amazônia

Carlos Xavier Paes Barreto

É o determinismo geográfico que indica a escolha e a transferência das metrópoles universais. A ação humana, por si só, entre os fatores fisiográficos obriga a concepção. Em outros casos era a localidade apropriada, mas circunstâncias evolutivas alteraram a situação. Históricas há, ainda, em que a transferência atendeu à geopolítica, mas a geocêntrica mostra a necessidade de modificação. É assim que as leis que, mais tarde, se chamariam de geopolíticas, levaram em 1549, a sede do Brasil para a antiga capitania de Pereira Coutinho. Manaus, também, de origem geográfica mulatim, em 1763, para São Sebastião do Rio de Janeiro que chegou, em 1809, a ser a cabeça da monarquia portuguesa. Reclamou a geocêntrica, e um ano após à entrada de D. João VI entre nós, o Ministro inglês, William Pitt lembrava logo a capital para o interior. Vários propagadores desse pensamento seguiram-se e, entre eles, José Bonifácio às "Cortes Constituintes" reunidas em Lisboa propôs a própria denominação de Brasília. Hospital da Costa e o Visconde de Albuquerque optaram pelas cabeceiras de São Francisco, rio possuidor de mais de meia centena de afluentes e que liga 5 circunscrições: Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas. Era imposição da geopolítica, mas a geocêntrica tinha outros desígnios. Em estado latente já havia a ideia da marcha para o norte, cogitação, apontava o plano central, para onde lançaram as vistas os constituintes de 1851. Os estudos determinados pelo Presidente Floriano

Pavão, foram precedidos por comissão que teve a chefia do astrônomo Luis Cruls. A Constituição de 1934 marcou o ponto central e a de 1946 firmou positivamente o plano. Sucede, porém, que os governos se limitavam a designações de conselhos. Somente agora, o presidente Juscelino Kubitschek empreendeu, com energia, firmeza e eficiência, os trabalhos necessários e já estão inaugurados o Palácio da Alvorada o "Brasília Palace Hotel", a igreja de N. S. de Fátima, e a Praça dos Três Poderes, as rodovias e os planos para as sedes de embaixadas, tribunais e ministérios estão tendo início. Sobretudo, para o progresso do país, a Transbrasiliana irá equalizar civilização de Norte a Sul. Não haverá a destruição do Distrito Federal, suas condições de vitalidade não se extinguirão. Mas o velho núcleo que Sebastião Manoel explorou, vai levar elementos de vida econômica ao de Francisco Caldeira, através de 2.105 quilômetros de percurso. A terra de Anhangüera poderá transportar conforto, trabalho e progresso à de Alvorada, oferece oportunidade de provar que não vive apenas de tradição dos seus encontros, mas que o velho São José do Rio Negro conta com fortes possibilidades de concretos empreendimentos para a grandeza do Brasil. Forçoso é reconhecer, mesmo para os decrépitos da operação "Brasília", o progresso que abriu para toda a planície Amazônica a transferência da capital para o plano central.

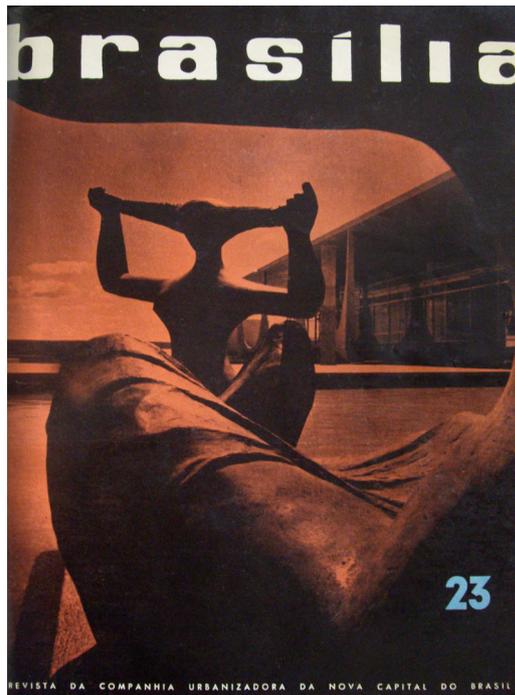


Figura 7: Capa de *brasília* número 23 novembro de 1958.

...continuação da nota 9
Relações Exteriores; no nº 53-64, a maquete do Centro Esportivo de Brasília.

¹⁰ *Módulo: revista de arquitetura e artes plásticas*. Fundada e dirigida por Oscar Niemeyer em 1955 e interrompida sua publicação em 1965 após o Golpe Militar de 1964. Sua publicação fica suspensa até 1975 voltando a ser editada até 1989.

¹¹ Ver COSTA, L. Considerações sobre Arte Contemporânea (texto dos anos 40, publicado em 1952 nos Cadernos de Cultura do Ministério da Educação); Muita Construção, Alguma Arquitetura e um Milagre – Depoimento de um Arquiteto Carioca (1951); In Search of a New Monumentality. *Architectural Review* 104(621):117-28, set. 1948; O Arquiteto e a Sociedade Contemporânea (Comunicação na Conferência de Veneza, set. 1952 a convite da UNESCO). O tema “síntese das artes”, ...continua próxima página

as impressões desses especialistas sobre a arquitetura de Niemeyer realizada em Brasília, dando destaque aos elogios dos críticos ao Palácio da Alvorada no que diz respeito à sua forma, às soluções espaciais internas e externas e ao ritmo plástico das fachadas. Fizeram parte deste encontro Luigi Piccinato, da Itália, Jean Pierre Vaugan, da Suíça, Max Lock, da Inglaterra, El Hanani, de Israel, Van Stereen, da Holanda, Pierre Vago, da França, Syme, de Oxford, Takara Yoshinaka, do Japão, Anthohy Babel, da Suíça e Hector Mardones Restat, do Chile. Juntamente com essa crítica a revista apresenta uma série de fotos externas e internas do Palácio da Alvorada. Estes arquitetos e urbanistas ao retornarem para seus países contribuíram para a difusão da arquitetura e urbanismo de Brasília no exterior. (Figura 7)

Outro encontro internacional importante para a divulgação da arquitetura e urbanismo de Brasília no exterior, que contou com a presença dos críticos, diretores e editores das revistas internacionais de arte, arquitetura e urbanismo, foi o Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte (AICA)¹³ que colocou Brasília sob observação da crítica profissional estrangeira. A *brasília* número 33, de setembro de 1959, traz uma reportagem

sobre este Congresso, dando destaque ao discurso de abertura, proferido pelo Presidente Juscelino Kubitschek, sobre o tema do encontro “a cidade nova e a síntese ou a integração das artes”. A revista publica também as opiniões dos críticos de arte colhidas pela jornalista americana do *New York Times*¹⁴, fotos da chegada dos congressistas ao aeroporto e em visita às obras de Brasília e várias fotos mostrando como se encontravam algumas das construções naquela época. Neste artigo, “Opiniões dos críticos de arte”¹⁵, as opiniões são todas positivas em relação a Brasília, salvo a de Bruno Zevi, único congressista a confrontar-se criticamente com a nova capital, assumindo uma atitude destoante da paralisia crítica dos demais, que pareciam ter se intimidado com a generosa hospitalidade do Brasil. Charlotte Perriand diz, “Sou Brasília sem restrições”. Para Stamo Papadaki, “a construção de Brasília é um fato que afetará o resto do mundo: a arte de construir cidades não está perdida”. Segundo Françoise Choay, Brasília é a prova mais concreta da possibilidade de poesia surgindo da planificação e da construção urbanística, uma possibilidade para refletir sobre todos os problemas ligados às cidades novas que, de modo menos notável, vêm surgindo em toda parte, à sombra das cidades

...continuação da nota 11 será colocado em discussão a partir do 6º CIAM de 1947 em Bridgewater e conduzirá o debate sobre novas formas de expressão nos CIAM e nas revistas da época.

12 Ainda que o fotógrafo oficial da revista seja Mario Fontanelle, e que a revista mencione o autor nessa foto, segundo o acervo fotográfico de Marcel Gautherot, do Instituto Moreira Sales, a foto em questão é de autoria deste fotógrafo.

13 O Congresso ocorreu de 17 a 25 de setembro de 1959 e contou com o patrocínio do Presidente Juscelino Kubistchek, com a colaboração da Novacap, do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e do Museu de Arte de São Paulo. A presidência do Congresso coube ao crítico de arte italiano Giulio Carlo Argan, vice-presidente da AICA e a organização a delegação brasileira da AICA, liderada pelo crítico de arte Mário Pedrosa.

14 Algumas dessas mesmas opiniões se repetem nas publicações das revistas: *Habitat*, São Paulo, Ano 10(58)7-8, jan./fev. 1960; *Arquitetura e Engenharia*, Belo Horizonte (55)14, set./out. 1959 e *Arquitetos e Críticos de Arte* falam sobre Brasília. *Módulo*, Rio de Janeiro, V. 3(16):29-30, dez. 1959.

15 Os críticos que apresentaram suas opiniões nas revistas: Charlotte Perriand, Jean Prouve, André Bloc, André Wogenschy, Jean Leymarie, François Choay, André Castel (França), Richard Neutra, Stamo Papadaki, Eero Saarine, Douglas Haskell, John Entenza, Anthony Bower, Paul F. Damaz, Frederik Kiesler, Aline B. Saarinen (EUA), Peter Bellew, Ernest Goldschmidt (Bélgica), Horácio Sanches Flores (México), Ranjit Fernando (Ceilão), Gillo Dorfles, Bruno Zevi, Ricardo Avenirini, Michelangelo Muraro, Giulio Pizzetti (Itália), Amancio Williams (Argentina), Aléxis Celebonovic (Iugoslávia), Fritz Novotny (Áustria), José Gudiol (Espanha), Enrique Bello Antonio Romera (Chile), William Hollford, Roland Penrose (Inglaterra), F. Garcia Steban (Uruguai), A. Imaizumi (Japão), Carola Giedion ...continua próxima página

antigas. Bruno Zevi, por seu lado, questiona se o plano de Lucio Costa é fechado ou aberto e se teria a inconveniência de ambos. Para ele não se pode pré-fabricar uma cidade e depois adaptar o povo a ela. O artigo destaca ainda a recomendação dos críticos para “a construção imediata das embaixadas em Brasília, ao mesmo tempo em que sugeriram a forma pela qual as sedes das legações estrangeiras devem ser edificadas”.

Ainda sobre este Congresso é importante destacar o texto de Mário Pedrosa publicado na edição que reuniu os números 45, 46, 47 e 48, de setembro a dezembro de 1960. Este texto, intitulado “Brasília, a cidade nova”¹⁶, se encaixa na linha editorial dos textos de abertura da revista, que sempre primavam por uma defesa da mudança da capital ou de sua arquitetura e urbanismo. “Brasília, a cidade nova” introduz o tema da primeira sessão do Congresso, “A cidade Nova”, e, nele, Pedrosa ressalta Brasília como a expressão de uma época mais avançada e o fato novo que ela sintetiza: o espírito de empreendimento envolvido na decisão de construir algo totalmente artificial a partir do zero, em uma região desabitada e selvagem. O crítico encontra os precedentes desta postura na própria condição artística de artificialidade e finitude, concluindo que Brasília é, na essência, uma obra de arte que se constrói, inserida na história do país. Para ele, aquela época é marcada pela construção de cidades e regiões e, pela fatalidade mesma da formação brasileira, o Brasil é um país condenado ao moderno. Pedrosa entende Brasília como o oposto da atitude que sempre marcou a índole dos pioneiros da colonização brasileira, de fixação temporária e exploratória, notando que a evolução desta índole vinha impedido a formação de uma “verdadeira mentalidade regional”. Para ele, o que está criando Brasília, não é o desejo do lucro, uma idéia política “incrustada através das gerações”. Ao contrário, o empreendimento significaria um renascimento econômico do mercado nacional e a colocação do tema da reforma agrária nos devidos termos, o que Pedrosa identifica como o “fim do avanço da especulação pioneira”. A cidade nova que se constrói, como “produto acabado da vontade consciente do homem”, é identificada ao mesmo tempo como objeto e obra de arte, que abarca “uma totalidade social, cultural e artística”. No entanto, ele entende que o ineditismo da escala coloca problemas a serem discutidos, como os pertencentes a uma época de síntese. As artes

têm um papel primordial na reconstrução regional e internacional pela qual o mundo passa, mas é preciso cuidado para que este papel não seja destruído por “um intercâmbio de teleguiados”. É importante notar ainda que a síntese das artes coloca-se, para Mario Pedrosa, nos anos 50, como um corretivo da “arte individualista”, “dos impulsos temperamentais românticos e expressionistas muito em voga”, e, nesse sentido, a arte deve ser um instrumento de reintegração do artista numa missão social objetiva.

O número especial 40, de 21 de abril de 1960, data da inauguração de Brasília, traz em sua capa uma foto com trecho da fachada principal do Palácio da Alvorada, destacando as colunas de concreto revestidas em mármore, vendo-se, ao fundo, a Capela. (Figura 8)

O layout da capa e a diagramação foram realizados pelo arquiteto Armando Abreu, o redator é Leony Mesquita e as fotos são de M. Fontanelle, Alberto Fadul, M. Gautherot, José e Humberto Franceschi, Foto Carlos, Epaminondas Lima e da revista *Manchete*.

Israel Pinheiro diz, no texto de apresentação: “Este número da revista da Novacap, em edição especial de inauguração de Brasília, documenta a história de um sonho que se transformou em realidade: o mais que centenário sonho da mudança da Capital”. Este texto traça um histórico da ideia de interiorização da Capital defendida desde Tiradentes. Destaca ainda que o Plano Urbanístico de Lucio Costa, executado na “arrojada” e “bela” cidade, já conquista “a admiração do mundo” e que da “prancheta de Oscar Niemeyer saltaram para a realidade os projetos que marcam época na história da arquitetura contemporânea”. Por estes pequenos trechos do texto de apresentação podemos perceber o tom ufanista que a revista dará a este número.

A revista apresenta, em 25 páginas, um relato histórico intitulado “Estes construíram Brasília”, no qual agradece a todos os “homens” que de algum modo contribuíram para a construção da nova Capital. São lembrados neste relato, desde os Inconfidentes Mineiros, todos os personagens que fizeram parte dos fatos da história da construção de Brasília; apresenta-se tanto uma relação nominal de todos os funcionários do governo e

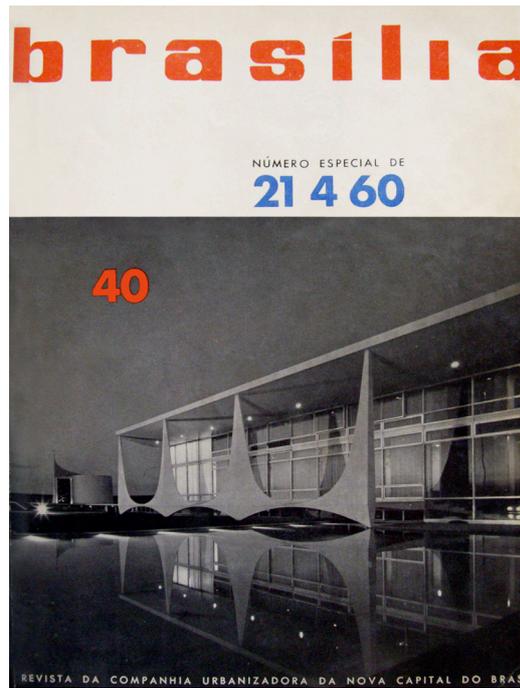


Figura 8: Capa de *brasília* número 40 abril de 1960.

...continuação da nota 15

Welker (Suíça), Gert Schiff, Werner Haftmann, Tomás Maldonado, Will Grohmann (Alemanha), Jose Pedro Argul (Uruguai), Guy de Clercq (Holanda).

¹⁶ PEDROSA, M. Brasília, A Cidade Nova. Arquitetura e Engenharia, Belo Horizonte (55):6, set./out. 1959; Introdução ao tema inaugural: A cidade nova, obra de arte. Habitat, São Paulo, Ano 10(57)11-3, nov./dez. 1959 La Cité Nouvelle. Architecture formes et fonction, Lausanne, Ano 7º, p. 74-5, 1960-1961.

da Novacap que contribuíram diretamente no auxílio administrativo quanto se faz uma referência geral aos pioneiros do “Núcleo Bandeirantes”; são operários, autarquias, bancos, fornecedores, empresários, os “bandeirantes” de Brasília, todos aqueles que constam ou não nominalmente nos registros que recebem o agradecimento da revista pelo trabalho investido na realização da “maior obra do século XX, a construção da Nova Capital brasileira”.

Este número de *brasília* traz artigos de seus editores que relatam os fatos marcantes do projeto e da construção de Brasília e que descrevem as seguintes obras inauguradas e em andamento, acompanhada de rica documentação fotográfica: setor de habitação das super-quadras, eixo rodoviário, casas residenciais, setor comercial, casas populares, posto de assistência médica, Praça dos Três Poderes, Congresso Nacional, Supremo Tribunal Federal, Palácio do Planalto, Esplanada dos Ministérios (em construção), Catedral (em construção), maquete da Catedral, edifícios do sistema educacional de Brasília, edifícios do assistência médico-hospitalar, Capela Nossa Senhora de Fátima e Capela do Palácio da Alvorada. Apresenta, ainda, um artigo de Horacio Mendes, que relata os fatos

históricos em torno da idéia de interiorização da capital desde a Inconfidência Mineira até a criação de Brasília; trechos dos discursos de JK publicados em vários números anteriores da revista; uma breve retrospectiva das visitas dos chefes de governo de Portugal, Paraguai, Itália, Cuba, Indonésia, México e Estados Unidos e de visitantes ilustres desde meados de 1957 até fevereiro de 1960, seguida de fotos que documentam essas visitas.

Na sessão “Brasília no exterior” são relatadas as exposições sobre Brasília em Lisboa, Munique e Madrid, como também são referidas as várias publicações estrangeiras que informavam ao mundo sobre Brasília e a destacavam como “uma obra em que a beleza e a funcionalidade se uniam aos grandes objetivos da redenção econômica do Brasil”.

Entre os vários artigos sobre história, sociologia e economia traz uma homenagem à própria revista *brasília*, de Luiz do Amaral: o relato de um engenheiro colecionador da revista desde o primeiro número até sua inauguração e que acompanhou, através de “flagrantes fotográficos”, de plantas gerais de perspectivas, de orçamentos, atas de reuniões da Diretoria da Novacap, depoimentos de visitantes

ilustres, de reportes estrangeiros, de “candangos” e literatos, a construção de Brasília.

Há, ainda, neste mesmo número uma relação, feita por Horacio Mendes, de 58 referências bibliográficas sobre Brasília.

A revista reúne, assim, uma importante documentação histórica dos fatos da construção da nova Capital, como também um importante acervo fotográfico que, através da imagem, revela o patrimônio arquitetônico e urbanístico da época da inauguração de Brasília.

O nº 41, de maio de 1960, comemorativo da mudança, traz na capa uma foto de Fontenelle do Palácio e do Congresso Nacional, projeto de Oscar Niemeyer, com destaque para a Câmara dos Deputados. A foto da capa retrata a inauguração, quando vários visitantes percorrem a cobertura do Palácio ao redor da cúpula da Câmara dos Deputados. A foto da capa posterior dá continuidade a essa cena com a cúpula do Senado e a torre administrativa do Palácio. A revista relata os eventos e comemorações de inauguração de Brasília e publica na íntegra os

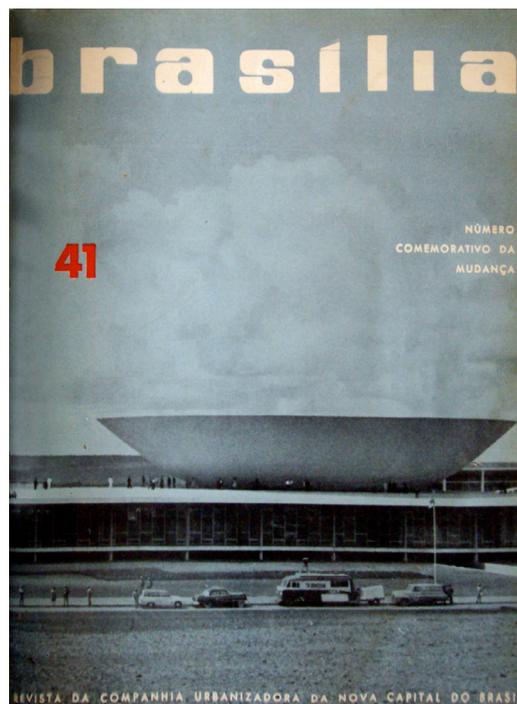
discursos das autoridades e fotos que registram essa data considerada histórica. (Figura 9)

Da revista *brasília* número 43, de julho de 1960, destacamos a publicação do texto “Minha experiência em Brasília”¹⁷. Este texto de Niemeyer, como diz o título, faz um relato de experiência pessoal do arquiteto na construção de Brasília. Segundo Oscar Niemeyer, foi em certa manhã de setembro de 1956 que ele começou a pensar em Brasília, quando Juscelino Kubitschek, no portão de sua casa da Gávea, expôs o problema da elaboração do projeto de Brasília. A partir de então, segundo o relato do arquiteto, ele passou a viver em função de Brasília, aceitando elaborar apenas os prédios governamentais.

Para Niemeyer, Brasília representava uma experiência coletiva fundamental para o desenvolvimento do país. Ele destaca a importância do aspecto coletivo desse movimento, de seu objetivo comum, que quase eliminava as diferenças de classe entre subordinados e chefes, operários e engenheiros e ressalta o entusiasmo de JK que se estendeu a todos, fazendo com que a cidade fosse construída em apenas 3 anos.

¹⁷ Texto cedido pela revista Módulo nº18 junho de 1960. Esse texto também foi publicado na revista Architecture d’Aujourd’hui. Brésil, Brasília, Actualités. Ano 31º (90):8-9, juin./juil. 1960 (número especial).

Figura 9: Capa e capa posterior da *brasília* numero 41 maio de 1960.



Enfatiza também seu ressentimento com os colegas arquitetos e urbanistas que lutaram em oposição ao resultado do concurso do plano piloto.

Ele relata que os projetos iniciais foram elaborados na sede da Novacap, no Rio de Janeiro, e diz ter se inspirado na Praça de São Marcos, no Palácio dos Doges e na Catedral de Chartres, em sua busca de formas belas e claras para as estruturas dos palácios governamentais: “é a beleza plástica apenas que atua e domina (...) mensagem permanente de graça e poesia”¹⁸

Com relação aos outros edifícios urbanos, diz ter buscado a unidade dos conjuntos para não cair em “tendências formalistas” que, segundo ele, desvirtuavam a arquitetura brasileira. Nesse sentido, para impedir que uma arquitetura desproporcional e com características exóticas fossem construídas, foram elaboradas regras de aprovação dos projetos. Medida com a qual Niemeyer ainda garantia destaque para os edifícios governamentais.

Em 1958, Niemeyer transfere-se para Brasília para acompanhar de perto as construções em andamento e, apesar de todas as dificuldades do trabalho intenso e da precariedade das condições locais, fala do entusiasmo que todos sentiam por colaborarem em uma obra importante: “uma cidade que surgia como uma flor naquela terra agreste e solitária”. Para Niemeyer, seu trabalho em Brasília era uma contribuição nova à arquitetura que caminhava “lamentavelmente para a repetição e vulgaridade”. O arquiteto também destaca a monumentalidade do plano piloto de Lucio Costa e sua adaptação ao terreno e às conformações e espaços livres por ele propostos. Defende a beleza e equilíbrio dos volumes previstos para os edifícios dos ministérios, em repetição disciplinar, e para a praça dos três poderes, rica de formas, sóbria e monumental – conjuntos que propiciavam a atmosfera de monumentalidade que uma Capital requer.

Após a defesa do plano piloto de Lucio e das formas plásticas de sua arquitetura, chama a atenção para o seu constrangimento em verificar que os operários da construção da nova capital não usufruíam das condições de vida que o plano piloto fixou nas áreas de habitações coletivas, pois as condições sociais vigentes se chocavam, nesse ponto, com o plano piloto, criando problemas de ordem social

que não podiam ser resolvidos na prancheta. Via então como única solução continuar apoiando os movimentos progressistas que visam um mundo melhor e mais feliz.

Com este texto, Niemeyer procura, enfim, defender o plano piloto e sua arquitetura de toda a polêmica nacional e internacional alimentada pelos arquitetos, urbanistas e críticos da área em relação à Brasília, defendendo a expressão plástica de seus edifícios e a monumentalidade do plano de Lucio Costa. O texto é encabeçado por uma foto sorridente do arquiteto ao falar de sua obra e segue ilustrado por várias fotos de Brasília feitas pelo fotógrafo oficial da revista, Mario Fontenelle¹⁹.

No nº49, de janeiro de 1961, a revista *brasília* completa 4 anos de atividades, acompanhando, *pari passu*, todos os momentos da construção de Brasília. Segundo seus editores, “foram quatro anos em que dia-a-dia, hora a hora, seguimos todos os lances da construção de Brasília”. As edições de *brasília* de 1957 a esta data, contam, em todas as fases, a luta pela construção de Brasília”. Nessas páginas aparecem os nomes dos pioneiros, dos que dirigiram a empreitada e, recordando os números anteriores de *brasília*, a revista repassa seu empenho na divulgação da Nova Capital, lançando olhares para a “arquitetura que a técnica de Lucio Costa e Oscar Niemeyer imaginou e a capacidade do povo brasileiro construiu”.

Nesse número, os editores apresentam um histórico dos 4 anos de suas atividades, como a da publicação da própria revista, a da distribuição de livros, documentários, correspondências, bem como apresentam uma relação dos discursos, artigos de fundo, poemas e noticiários publicados pela revista.

Os números 50 a 52 foram fundidos numa só edição comemorativa do primeiro aniversário, de fevereiro a abril de 1961. A capa apresenta uma foto cedida pela *Manchete* com uma vista geral de Brasília, na qual se vêem o eixo rodoviário, as casas populares e super-quadras, em primeiro plano, e a Esplanada dos Ministérios e a Praça dos Três Poderes ao fundo.

A revista comemora o primeiro aniversário da cidade mais jovem do mundo, apresenta as autoridades que consolidam Brasília e, mais uma vez, o desenho do

¹⁸ Niemeyer, Oscar. Minha experiência em Brasília. *brasília* (43):3, jul. 1960.

¹⁹ Segundo informações contidas na contra capa da revista todas as fotos seriam de Mario Fontenelle, geralmente quando a usa fotos de outro autor esse autor é citado, sendo assim, adotamos que as fotos sem identificação são de Fontenelle.



Figura 10: Capa *brasília* número 53-64, maio de 1961 a abril de 1962.

Plano em desenvolvimento e uma documentação fotográfica de seus edifícios construídos e em fase de construção, como a praça dos Três Poderes; a Esplanada dos Ministérios; a Catedral; a plataforma monumental; o setor cultural; a estação rodoviária; o centro de diversões; o teatro oficial; o setor bancário; o setor comercial; hotéis; o setor hospitalar; a torre de televisão; quartéis; a estação abaixadora; a Ermida; a "cidade livre"; o trevos; as Embaixadas; a Petrobras; o late Clube; a barragem; as superquadras; os serviços de utilidades públicas; a avenida W 3; o eixo monumental; a Taguatinga e as casas para funcionários.

A revista *brasília* nº 53-64, de maio de 1961 a abril de 1962, comemora o 2º aniversário da Capital. Ocorrem modificações na diagramação, sessões e organização editorial e são criadas novas diretorias, mas a direção geral continua com Nonato Silva, a direção de arte com o Arquiteto Armando Abreu, Leony Mesquita mantém-se como redator-chefe e Horacio Mendes como revisor. A revista contrata novos diretores e redatores e conta, nessa edição, com 80 páginas. A capa traz novamente a foto do Palácio do Congresso mostrando a Câmara dos

Deputados e a Torre de administração, com destaque em vermelho para o 2º Aniversário. (Figura 10)

Após prestar uma homenagem a João Goulart, então presidente do Brasil, e a Trancredo Neves, o primeiro ministro, a revista apresenta um artigo intitulado, "Brasília e o Mundo", que traz uma retrospectiva dos pronunciamentos de críticos de arte e de autoridades na imprensa mundial, bem como o destaque alcançado pela cidade no exterior, através das exposições promovidas pelo Itamarati.

Na sessão *Arquitetura e Urbanismo* é publicado um texto e fotos da maquete cedidos pela *Modulo*²⁰ sobre o projeto do Centro Esportivo de Brasília, de Oscar Niemeyer, o qual não chegou a ser construído.

Mais uma vez a revista apresenta vários artigos sobre as questões políticas e econômicas de Brasília em seu contexto nacional e internacional, que tanto justificam sua construção na ideia da interiorização da Capital quanto na de uma boa propaganda do Brasil no exterior. A importância da Novacap nessa Construção é também ressaltada. A revista

²⁰ Centro esportivo de Brasília: *Módulo* 5(24):6-10, ago, 1961.

acrescenta artigos sobre lazer, cultura, escritores de Brasília e literatura sobre Brasília, uma página feminina e uma série de fotos da cidade. Refere-se ao ano de 1962 como o ano de consolidação da nova capital e apresenta seus pontos turísticos, hotéis, transportes, clubes, serviços, etc., mostrando como se encontra a vida social nesta cidade que comemora seu 2º Aniversário. A edição é fechada com o símbolo do poder de Brasília: uma foto que traz, em primeiro plano, o Palácio do Congresso, em plano intermediário, a Esplanada dos Ministérios com seus edifícios e, ao fundo, a Plataforma Rodoviária.

Para finalizar esta leitura geral da revista *brasília*, não podemos deixar de notar que, ao se constituir como um periódico governamental de difusão, justificativa e defesa da construção da Nova Capital, a revista *brasília* não se apresenta com a perspectiva crítica das demais revistas especializadas em arquitetura e urbanismo, que tinham por objetivo estabelecer um debate sobre o tema. Gostaríamos, no entanto, de ressaltar que esse fato, não deve nos impedir de perceber que, ao reunir a história da construção de uma cidade moderna, desde sua construção,

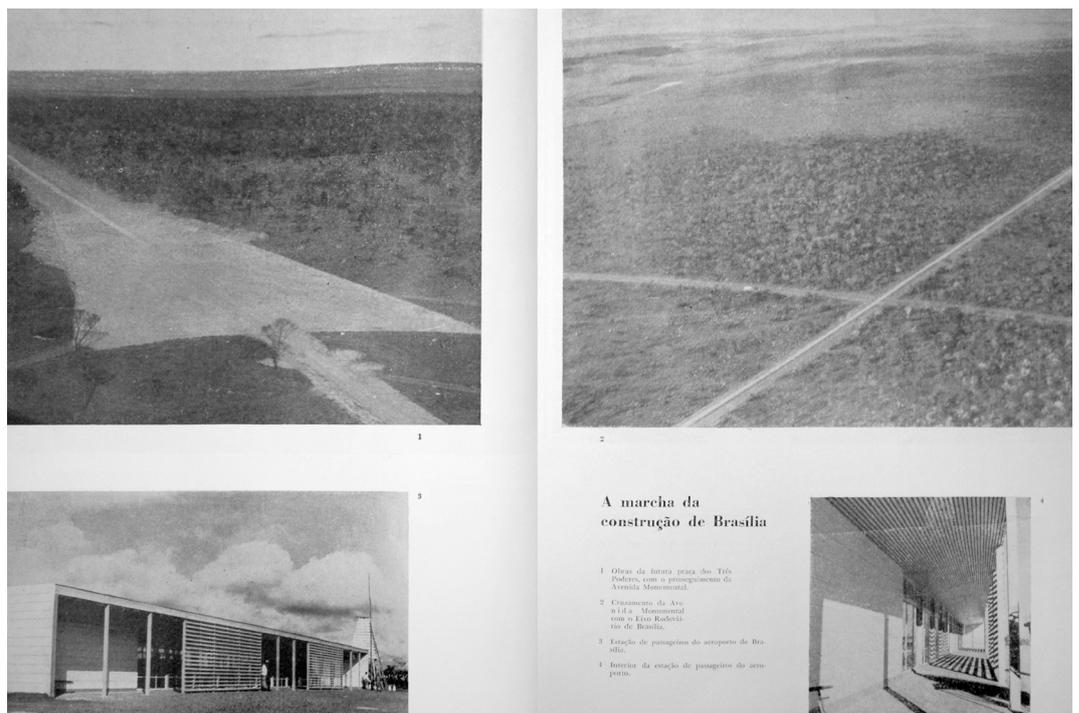
Figura 11: *brasília* número 6 junho de 1957. Capa e sessão "A marcha da construção de Brasília" com foto de Fontanelle do cruzamento da Avenida Monumental com o Eixo Rodoviário de Brasília.

inauguração e consolidação, suas páginas acabaram por se tornar um importante acervo documental do patrimônio da arquitetura e urbanismo modernos brasileiro.

Documentos de arquitetura e urbanismo: o acervo fotográfico na revista *brasília*

Como complemento a leitura anterior traremos algumas informações sobre o acervo fotográfico presente na revista. Os documentos fotográficos que aparecem nas revistas são de propriedade autoral de Mario Fontanelle, José e Humberto Franceschi, A. Gabocci, Marcel Gautherot, Armando Abreu, Sully Alves de Souza, Foto Carlos, Manchete, Alberto Fadul e Epaminondas Lima. A maioria das fotos publicadas é de Mario Fontanelle e Marcel Gautherot.

Mario Fontanelle (1919-1986), considerado o mais importante fotógrafo da história da construção de Brasília, fotografou a Nova Capital desde seu primeiro "risco" no cerrado do planalto central (Figura 11), foto que mostra o cruzamento da



Avenida Monumental com o Eixo Rodoviário de Brasília, e que é publicada pela primeira vez na *brasília* nº6, de junho de 1957. Fontenelle foi o fotógrafo oficial dessa revista, sendo assim, a maioria da documentação fotográfica publicada pela *brasília* era de sua autoria.

Marcel Gautherot era o fotógrafo preferido de Oscar Niemeyer para registrar suas obras e, a partir de 1958, passa a fazer a cobertura fotográfica da construção de Brasília. Suas fotos fazem parte das sessões “a marcha da construção”, “arquitetura e urbanismo” e vez por outra estampam as capas e contra-capas, anunciando a obra tratada pela revista.

Estes documentos fotográficos apresentados pela revista revelam o projeto e a obra de arquitetura e urbanismo da Nova Capital e marcam a trajetória e a história da construção de Brasília. Tais documentos também foram publicados em várias revistas nacionais e internacionais especializadas, constituído-se assim como parte da difusão da arquitetura moderna brasileira.

Referencias bibliográficas

Architecture d’Aujourd’hui. Brésil, Brasília, Actualités. Ano 31° (90), juin./juil.1960.

brasília 1-83, 1957-1988.

Módulo 7-19, 1957-1960.

The magazine *brasília* in building of the New Capital: Brasília (1957-1962)

Maria Beatriz Camargo Cappello

Abstract

This text presents the magazine *brasília*, a monthly publication by the Urbanizing Company of the New Capital of Brasil (Novacap), as a source for research on the history of building, inauguration and consolidation of Brasília. We are dealing with the issues 1 to 64, published from January 1957 to April 1962, with their reports of the building years of the Capital – focused on the architecture and urban planning by Oscar Niemeyer and Lucio Costa – its inauguration and the two first years before the military coup d'état in 1964. We will highlight texts about architecture and urbanism that had a key role in the debate around the construction of Brasília.

Keywords: Brasília, architectural periodicals, modern architecture.

La revista *brasília* en la construcción de la Nueva Capital: Brasília (1957-1962)

Maria Beatriz Camargo Cappello

Resumen

Este texto presenta la revista *brasília*, con publicación una vez al mes de la Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), como fuente de investigación de la historia de la construcción, la inauguración y la consolidación de Brasília. Trataremos de los números 1 al 64 de la revista *brasília* que han sido editadas entre enero de 1957 a abril de 1962 con los relatos de los años de la construcción de la capital del país – dedicados a la arquitectura y urbanismo de Oscar Niemeyer y Lucio Costa –, su inauguración y los dos primeros años después de su inauguración hasta el golpe militar de 1964. Destacaremos algunos textos sobre la arquitectura y urbanismo que tuvieron gran importancia en el debate en el ámbito de la construcción de Brasília.

Palabras clave: Brasília, revistas, arquitectura moderna.